

#20

A DIVERSIDADE NA MÚSICA INDEPENDENTE COM CAIO PRADO

Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Caio Prado

Eu sou Caio Prado, cria de Realengo, subúrbio do Rio de Janeiro, que estudou na Escola de Música Villa-Lobos, centro do Rio. Foi quando encontrei essa efervescência do Rio de Janeiro, mais ou menos no ano de 2012, e comecei a me despertar para os bares, as casas de show, todo esse cenário da música independente, e o sonho de seguir com arte, viver de arte. A arte e a música é o que me transformou, o que faz tudo aquilo que eu posso ser, o que me traz conquistas e opera diariamente com as reflexões do mundo. A minha música é uma reflexão social e política, acho que os artistas independentes hoje acompanham o seu tempo. A arte independente faz com que nós sejamos verdadeiramente militantes. A arte é um serviço político e social, de comunicação. Uma forma de registrar, de uma maneira mais rápida, o que está acontecendo na sociedade. E, no momento em que a gente vive uma crise política muito grande, momento de pandemia, é muito importante esse papel da arte, sobretudo, independente, sem nenhum tipo de amarra, de fim lucrativo que vá podar essa arte, que é soberana. Então, esses artistas independentes registram muito bem o que é o recorte social de uma época, de um tempo. Acredito que a música independente é a que nos apresenta mais experimentos, mais inovação, mais possibilidades, a riqueza da diversidade cultural que é o Brasil. Lancei meu primeiro disco independente em 2014, “Variável Eloquente”, um disco cheio de experimentações. Não precisava satisfazer nenhum tipo de comércio, de mercado; era uma arte que a gente estava experimentando e saboreando essa possibilidade do músico independente fazer o que realmente acredita. Então, eu acredito nesse poder que a música independente tem de ampliar as bolhas, amplificar os sons, sem nenhum tipo de pudor, sem ter que cumprir alguma coisa por conta do mercado, das rádios, ou dessa macropolítica que, às vezes, coloca tudo numa caixinha. A música independente está aí para explodir essas bolhas e mostrar a riqueza e a efervescência da cultura brasileira.

Acho que a arte independente está sempre à frente no cenário. É ela que, realmente, demonstra a diversidade e a pluralidade da música brasileira. Porque a música independente permite a experimentação, a inovação, não está preocupada

em atingir certas demandas do mercado. Acredito que essa bolha é possível ser furada, a partir de conexões entre os artistas, pontes entre essas bolhas. Porque todo mundo vive numa bolha. É a oportunidade dos artistas fazerem conexões, interseções em pontos que fazem sentido levando essa comunicação para o alcance de um maior público. Na experiência de pandemia e de isolamento social, nós fomos obrigados a fazer novas pontes de conhecimento. Ficamos trancados em casa e fomos obrigados a procurar novos artistas. Nos deparamos com lives, com “ao vivo” de artistas que falam a mesma língua que a gente. E acho que é por aí que se fura a bolha. A partir da intersecção das artes. Quando um artista de nicho tal cruza com outro artista de outro nicho, esse cruzamento possibilita um novo alcance, um algoritmo único. Então, mesmo os grandes artistas do *mainstream*, da indústria cultural, estão sendo obrigados a fomentarem novos conteúdos, onde essa demanda está presente. A demanda por uma informação real, verdadeira, com conteúdo. Estamos em momento em que não dá mais para o artista, para o músico, propagar uma informação não real, fake news, um conteúdo que vá desrespeitar o outro. Não dá para músicos e artistas fazerem artes que vão ferir qualquer outro tipo de pessoa. É o momento de ser ético nas suas escolhas. Vejo, também, um momento de mudança na chave deste consumo cultural. Com a pandemia, a gente vê o debate de como as pessoas valorizam mais as celebridades e os famosos do que os artistas. É muito mais válido hoje você valorizar o artista, a pessoa que está ali, na sua vida diária, fazendo a militância, porque arte independente é militância. É muito mais válido valorizar o artista do que apenas um entretenimento só por ser celebridade. Precisamos falar sobre esse debate, em que os artistas independentes devem ser tão valorizados quanto as celebridades e pessoas famosas, a ponto em que essas bolhas vão estar, cada vez mais, em equidade. Cada vez mais, esses artistas vão estar alcançando novas bolhas, e esse alcance vai ser maior, a partir dessa intersecção de artistas independentes procurando pontes de mão dupla de conhecimento.

A arte é um serviço para a sociedade. Nós, na pandemia, estamos consumindo músicas, vendo filmes, então, os artistas precisam ser, realmente, valorizados, sobretudo, os independentes, sem a ilusão que foi criada em cima do artista. Ele não é luxo, celebridade e fama. A arte é vida, é vida diária, o exercício social de observação, de denúncia, de registro, de reflexão. Arte é inovação, é pensar novas narrativas para construir um futuro com responsabilidade, amor, afeto, levando empoderamento, representatividade. A arte precisa ser valorizada como todos os outros profissionais. Acredito que essa mudança, para que os artistas independentes sejam consumidos em maior escala, precisa vir do consumo também. As pessoas precisam valorizar mais a música independente com milhões de seguidores. Vemos que as gravadoras já não ditam as regras do mercado, por mais que sejam elas que detenham o dinheiro, o fator econômico para colocar numa rádio, para fazer um trabalho de marketing e divulgação. Por mais que isso aconteça, a tecnologia fez com que a música independente alcance outros lugares, com que o artista pequeno, médio, consiga fazer o seu trabalho e divulgar

também. E, às vezes, essa música independente consegue ter resultados tão bons quanto aqueles que estão na gravadora. Neste momento, o debate precisa ser do consumo. Sempre estar ali medindo o conteúdo daquilo porque música vai além do entretenimento. A música é um fator social. Então, acho que a sociedade precisa dar a devida valorização ao artista, ao músico independente, sobretudo, agora, com a pandemia, em que há um consumo da música para a gente sobreviver. Não existe vida sem arte, e a gente está vendo isso agora.

A música independente apresenta a realidade das coisas, quem são os verdadeiros agentes da sociedade. E, de fato, representa essa sociedade, que é rural e diversa. A tecnologia possibilitou que nós, artistas independentes, apresentemos o nosso trabalho como narrativa de nossas próprias vidas, experimentando novos formatos. E essa música independente faz com que apresente novos protagonistas. Protagonistas reais, pessoas trans ganhando visibilidade nas suas artes. Pessoas que sofreram preconceitos raciais, preconceitos gordofóbicos, mulheres que sofreram machismo, todos os que sofreram algum tipo de preconceito e de opressão. A arte independente abraça essa diversidade de pessoas que viram um sistema oprimir as suas singularidades, e a arte dá luz a essas singularidades, fazendo com que elas sejam as potências da música e do cenário. Ou seja, é a música independente quem dá cabo de mostrar a diversidade do cenário da música brasileira. É ela que faz com que a gente conheça cada dia um artista diferente, de um lugar de fala diferente. Com que cada artista consiga contar a sua história que, às vezes, é dotada de preconceito, de opressão, de sofrimento, mas, quando encontrar a arte, ganha luz e poder para propagar essa vida, esse brilho, e representar outras pessoas, para que estas também possam fazer, se possível, essas artes.

O Festival Aceleração Musical Labsonica - edição Toca do Bandido está sendo transformador para mim pelo caráter de inovação, por produzir um festival em meio à pandemia, buscando novas formas de apresentação para esse formato ao vivo. Então, os 21 artistas selecionados do Brasil inteiro mostraram, cada um, uma singularidade, o seu propósito, buscando uma inovação, uma superação. Acho que isso fala o momento. Além disso, eu destaco como o festival, o edital e as mentorias conduziram a interseção dessas bolhas dos artistas. É sobre a expansão dessas bolhas, e a condução das mentorias da Constança, do Felipe Rodarti e do Iuri Freiburger foram conduções buscando agregar valor um ao outro, sem nenhum caráter nem espírito de competição. Estamos em um momento em que não precisa ser fomentada a competição de que um vai perder e o outro vai ganhar. Acho que é o momento de criar pontes uns aos outros. E eu destaco que essas mentorias tiveram a sensibilidade desde o início. Na primeira reunião online que a gente teve, fizemos um grande mantra coletivo - cada um na sua casa, e eu saí muito energizado, pensando, "Que coisa mais maravilhosa para começar um processo do que é um ritual coletivo!" Então, esse espírito agregando, procurando perfeccionar a arte de cada um ao outro, é o grande destaque deste edital e

Festival. O momento agora é de procurar potencializar e somar uns aos outros. A nossa soma tem que se multiplicar. É o que eu destaco nesta Aceleração até aqui: Não se acomode, não se conforme com o que o sistema te dá. Não se acomode no algoritmo, do que aparece apenas no seu *feed*, no seu mural das redes sociais. Vá além, procure artistas independentes que falam com a arte que você acredita. Há outras pessoas que também falam coisas que se assemelham ao seu discurso. Há interseção entre as artes, há pontos em comum, e é a partir desses pontos em que se cria uma soma, em que se multiplica o alcance. Então, vá além das suas bolhas, procure nas *playlists* as referências desses trabalhos. Procure nesta gama incessante que é a internet. Então, vá além do seu *feed*. Vá procurar para fora da sua bolha porque há uma pluralidade, uma riqueza muito grande de arte hoje no Brasil. Só falta que esses artistas sejam consumidos igualmente como os artistas de grande escala no Brasil hoje.

Felizmente, a tecnologia tem nos dado a possibilidade de produzir, mesmo de maneira simples, sem muita estrutura. O que a gente está vendo é que hoje não se mede um grande disco pelo estúdio que ele produziu, pela estrutura gigante que ele teve para produzir. Muito pelo contrário. Estamos vendo hoje quatro Grammys serem vencidos por uma artista que produziu em um estúdio caseiro. Então, não se meça pela falta de estrutura. Procure inovação, procure apresentar o seu conteúdo de maneira íntegra, verdadeira, sensível. Às vezes, do seu celular, você consegue produzir com aplicativos um trabalho íntegro, que demonstre a sua arte, e que vai comunicar e representar muitas outras pessoas. E você pode estourar com esse disco produzido do seu celular. Então, não se limite às estruturas. Hoje em dia, a gente está vendo experiências de trabalhos sendo coroados, que foram feitos da maneira mais humilde e simples possível, mas detêm um poder, uma força, que é o que realmente importa na música e na arte.